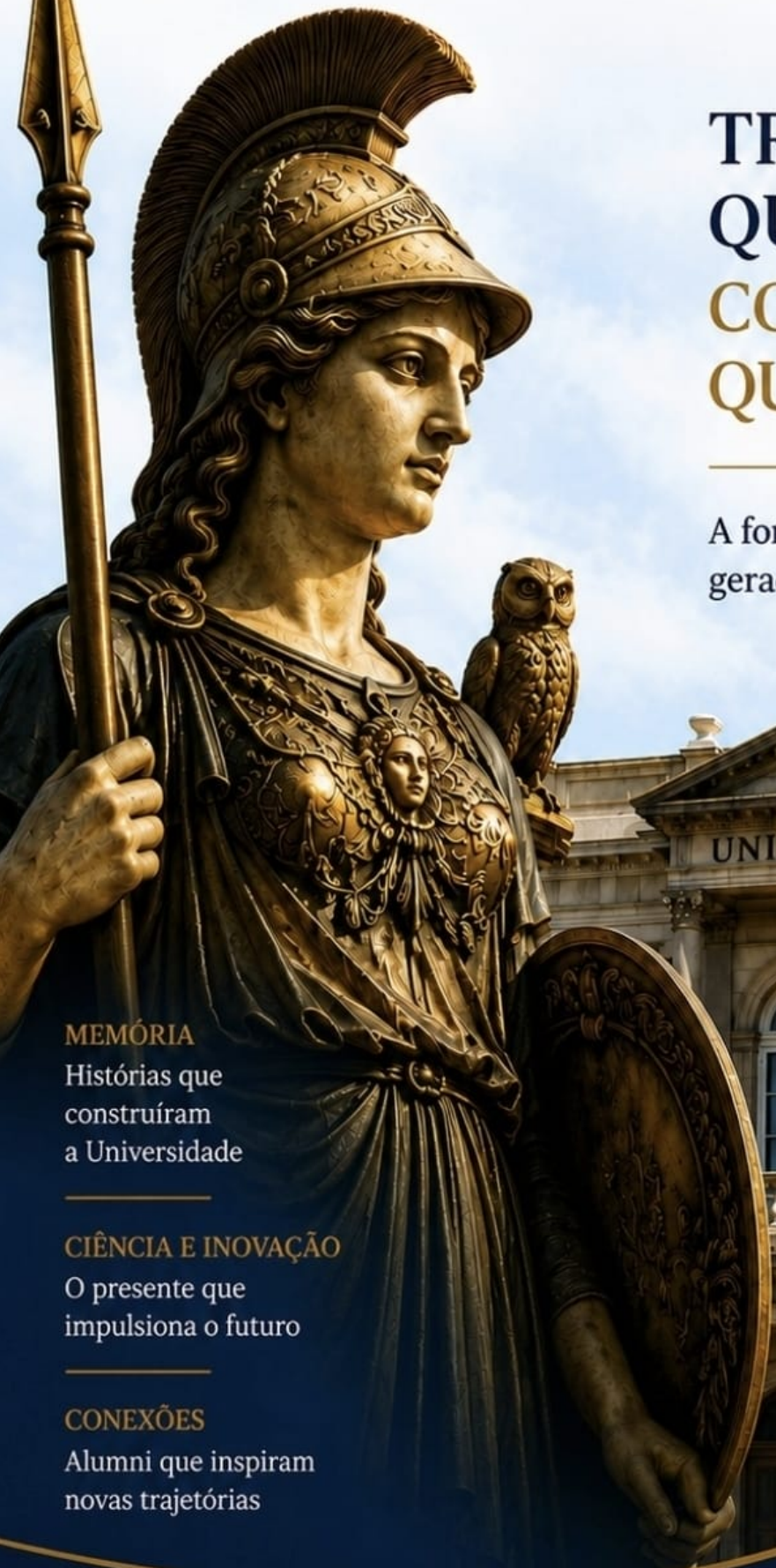
— CONSELHO DE MINERVA —

ALUMNI UFRJ

REVISTA



TRADIÇÃO QUE INSPIRA. CONHECIMENTO QUE TRANSFORMA.

A força da UFRJ que conecta gerações e constrói o futuro.

MEMÓRIA
Histórias que construíram a Universidade

CIÊNCIA E INOVAÇÃO
O presente que impulsiona o futuro

CONEXÕES
Alumni que inspiram novas trajetórias

ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • INOVAÇÃO • IMPACTO SOCIAL

— Conselho de Minerva —
ALUMNI UFRJ
REVISTA

EXPEDIENTE

Editor
Sebastião Amoêdo de Barros
http://lattes.cnpq.br/9348394251309785

Vice Editora
Angélica Fonseca da Silva Dias
http://lattes.cnpq.br/8795875378897586

Editor de Divulgação Científica
Eduardo Linhares Qualharini
http://lattes.cnpq.br/2902782553995387

Comitê de Produção Editorial
Arthur Chaitter
http://lattes.cnpq.br/1155208076918113

Carlos Dias
http://lattes.cnpq.br/2515015755612508

Maria José Patino Vilamizar
http://lattes.cnpq.br/3075142724783496

Comitê Científico:

Educação
Ana Ivenicki
http://lattes.cnpq.br/7321869768889062

Tecnologia da Informação
Angélica Fonseca da Silva Dias
http://lattes.cnpq.br/8795875378897586

Engenharia
Eduardo Linhares Qualharini
http://lattes.cnpq.br/2902782553995387

Gestão da Informação
Ilce Cavalcanti
http://lattes.cnpq.br/6870272828559630

Artes
José Dias
http://lattes.cnpq.br/4045525480657588

Direito
Paulo Horn
http://lattes.cnpq.br/2337461202144797

Medicina
José Marcus Raso Eulálio
http://lattes.cnpq.br/3633530320022862

A Revista AlumniUFRJ do Conselho de Minerva é um periódico de apoio científico para difusão acadêmica, não possui fins lucrativos e não pode ser comercializada. Todas as obras publicadas estão catalogadas com as garantias da Convenção de Berna, ratificada no Brasil pelo Decreto presidencial número 75699 de 6 de maio de 1975. Os conceitos emitidos nas matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores. O uso de imagens - fotos, desenhos, mapas etc. - deverá observar rigorosamente as prescrições da legislação referente aos direitos autorais, e as respectivas fontes citadas. No caso de imagens protegidas, os autores deverão possuir as respectivas permissões de uso, entregando uma cópia para arquivo do Conselho de Minerva.

Estão autorizadas as transcrições integrais ou parciais das matérias publicadas, desde que mencionados o autor e a fonte. Por imposição do espaço, a redação do artigo poderá receber pequena modificação, sem alterar o seu entendimento e a sua compreensão.

Conselho de Minerva
www.conselhodeminerva.com.br

Presidente de Honra:
Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Roberto Medronho

Vice-presidente de Honra:
Vice-reitora da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Cássia Curan Turci

Diretoria:
- Sebastião Amoêdo de Barros. *Presidente;*
- Amélia Abigail Rosauro de Almeida. *Vice-pres. Registros;*
- Rodrigo Almeida Cruz. *Vice-pres. Finanças;*
- Joaquim Welley Martins. *Vice-pres. Jurídico;*
- Angélica Fonseca da Silva Dias. *Vice-pres. Educação, Cultura e Desportos;*
- Eduardo Linhares Qualharini. *Vice-pres. Comunicação e Divulgação;*
- José Marcus Raso Eulálio. *Vice-pres. Relações Internacionais.*

Comissão Fiscal:
- Helio José Fernandes Moreira;
- Israel Blajberg;
- Jorge Teixeira;
- José Dias;
- Paulo Gustavo Portugal Prillwitz
- Ricardo Salgado Martins.

DA UNIVERSIDADE AO FRONT

Os estudantes da Escola Nacional de Engenharia na Força Expedicionária Brasileira

> *"A Universidade nunca permanece indiferente quando a história convoca uma geração para defender os valores da liberdade."*



ISRAEL BLAJBERG

Israel Blajberg é engenheiro, professor universitário e pesquisador da História Militar Brasileira. Graduado pela Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil (atual Escola Politécnica da UFRJ), pertence à geração de antigos alunos que preserva e divulga a memória da instituição e de seus personagens históricos.

É Conselheiro Emérito do Conselho de Minerva e detém o Colar do Mérito Pedro, O Libertador. Sócio Titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil — Seção Rio de Janeiro (AHIMTB/Rio) e integrante de diversas instituições dedicadas ao estudo da Força Expedicionária Brasileira e da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Oficial da Reserva do Exército Brasileiro, formado pelo Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR/RJ), alia a experiência profissional em engenharia ao rigor da pesquisa histórica.

Neste artigo, resgata a trajetória dos estudantes da antiga Escola Nacional de Engenharia que integraram a Força Expedicionária Brasileira, preservando um importante capítulo da memória da Universidade e da participação brasileira na luta contra o nazifascismo.

UMA TRAJETÓRIA DE EXCELÊNCIA

1810	Academia Real Militar
1874	Escola Politécnica
1920	Universidade do Rio de Janeiro
1937	Universidade do Brasil
1965	UFRJ



De Catedral à primeira Escola de Engenharia do Brasil.

Entre 1944 e 1945, enquanto os combates da Segunda Guerra Mundial se estendiam pelos campos da Itália, catorze estudantes da antiga Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil — hoje Escola Politécnica da UFRJ — interromperam seus estudos para servir ao país na Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Eram jovens universitários que passaram das salas de aula e laboratórios para os quartéis e frentes de batalha. Integraram tropas da Engenharia, atuando na construção de pontes, abertura de estradas, desminagem de campos, instalação de comunicações e no apoio logístico indispensável ao avanço das forças brasileiras. Seu trabalho foi invisível aos olhos do público, mas essencial à vitória.

Ao recuperar suas histórias, este artigo presta homenagem não apenas a esses estudantes, mas também à instituição que os formou. A Escola Nacional de Engenharia, herdeira de uma tradicional vocação científica e técnica, soube conjugar conhecimento e patriotismo, contribuindo para que o Brasil fosse reconhecido internacionalmente como uma nação aliada na defesa da liberdade e da democracia.

Preservar a memória desses jovens é honrar a própria Universidade, seus valores e sua missão de formar cidadãos comprometidos com o bem comum.

Nas páginas que se seguem, resgatamos a trajetória dos quatorze estudantes expedicionários, reafirmando o compromisso com a história e com o futuro, preservando um patrimônio histórico que pertence não apenas à Engenharia brasileira, mas à própria Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DA UNIVERSIDADE AO FRONT

Os estudantes da Escola Nacional de Engenharia na Força Expedicionária Brasileira

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ao lado das Nações Unidas, representou um marco na consolidação do país como nação livre e democrática. Nesse contexto, a Força Expedicionária Brasileira (FEB), enviada à Itália em 1944, contou não apenas com soldados profissionais, mas também com jovens universitários que interromperam seus estudos para servir à Pátria.

Entre eles, destacou-se um grupo de catorze estudantes da antiga Escola Nacional de Engenharia — hoje Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro — que, movidos por idealismo, patriotismo e espírito de sacrifício, atenderam ao chamado da nação. Eram futuros engenheiros que, em vez de cálculos e projetos, passaram a enfrentar os desafios da guerra real, onde a técnica, a coragem e a disciplina foram igualmente essenciais.

Este artigo resgata suas trajetórias, registradas em documentos oficiais e em símbolos que ainda hoje nos emocionam.

A ESCOLA QUE FORMOU LÍDERES

Fundada em 1810 como Academia Real Militar, foi uma das primeiras instituições de ensino superior do Brasil. Em 1874, transformou-se em Escola Politécnica, consolidando-se como referência na formação de engenheiros civis, militares e industriais.

Ao longo de sua história, formou gerações de profissionais que contribuíram para o desenvolvimento do país em obras de infraestrutura, indústria, ciência e tecnologia.

Durante a Segunda Guerra Mundial, sua tradição de formar líderes se revelou mais uma vez, ao ver seus alunos atenderem ao chamado da Pátria.



Pracinhas da FEB em Montese, Itália, 1945.

Eles deixaram os livros para pegar em armas, mas não abandonaram o saber. Levaram para o front a competência que a Escola Nacional de Engenharia lhes deu e provaram da guerra a experiência que a vida nenhuma sala de aula poderia ensinar.

OS QUATORZE ESTUDANTES EXPEDICIONÁRIOS

ALMOR DA CUNHA	^	Aspirante-2º-Oficial R/2 de Infantaria
DJALMA DUTRA URURAHY	^	3º Sargento de Infantaria
ERIDAN GUERRA NOVAIS DA SILVA	—	Soldado de Artilharia
GLAUCO DE CASTRO E SILVA	^	Aspirante-2º-Oficial R/2 de Infantaria
HUGO ALVES CORRÊA	^	Aspirante-a-Oficial R/2 de Infantaria
JOÃO RIBEIRO NATAL	^	2º Tenente R/2 de Infantaria
KALIL RUBEZ PRIMO	^	3º Sargento de Infantaria
LUIZ DE ANDRADE CUNHA	^	Aspirante-a-Oficial R/2 de Infantaria
LUIZ ROLAND FILHO	^	Cabo de Infantaria
MANOEL ALÍRNO DOS SANTOS QUEIROZ	^	Aspirante-a-Oficial R/2 de Infantaria
MAURÍCIO CARNEIRO DA LUZ	^	Aspirante-a-Oficial R/2 de Infantaria
MURILO MORAES LEAL	^	Cabo de Infantaria
SALOMÃO MALINA	^	Aspirante-a-Oficial R/2 de Infantaria
ZEFERINO CATTA-PRETA DE FARIA	^	Aspirante-a-Oficial R/2 de Infantaria

Ao recordar esses jovens, a Escola Politécnica da UFRJ reafirma seu compromisso com a formação de engenheiros não apenas competentes, mas também éticos, patriotas e comprometidos com a construção de um Brasil livre e justo.

— Conselho de Minerva —
ALUMNI UFRJ
REVISTA

Ano I • Nº 2 • AGOSTO DE 2026

A POLITÉCNICA E A TRADIÇÃO MILITAR DA ENGENHARIA BRASILEIRA

A Escola Nacional de Engenharia e a formação de engenheiros a serviço da Pátria

> *"A Engenhariá é, entre todas as ciências, a que mais diretamente se aplica às necessidades da guerra e da paz."*
>
> *Guilherme de Capanema, 1872*

Desde o século XIX, a formação do engenheiro no Brasil esteve ligada às necessidades do Estado e do desenvolvimento nacional. A criação da Academia Real Militar, em 1810, e da Escola Central, em 1858, consolidou uma linha de ensino em que o rigor científico se unia à disciplina militar e ao espírito de serviço público.

Essa tradição culminaria, em 1874, com a transformação da Escola Central em Escola Politécnica, vinculada à Academia de Belas Artes, passando a formar engenheiros civis, militares e industriais com sólida base matemática, científica e técnica. Desde então, a Engenharia brasileira tornou-se instrumento de construção de estradas, pontes, portos, telégrafos, fortalezas e, sobretudo, de soberania nacional.

Quando o Brasil foi chamado a participar da Segunda Guerra Mundial, essa tradição já havia formado gerações de profissionais preparados para enfrentar os desafios do presente. Entre eles estavam os quatorze estudantes da antiga Escola Nacional de Engenharia que, movidos pelo dever cívico, interromperam seus estudos para lutar na Força Expedicionária Brasileira (FEB).

A FORMAÇÃO DA ENGENHARIA MILITAR NO BRASIL

1792	Criação do Corpo de Engenheiros Militares, ainda no período colonial.
1810	Fundação da Academia Real Militar (Rio de Janeiro), marco inicial do ensino de Engenharia no Brasil.
1858	Criação da Escola Central, com cursos de Engenharia Civil, Militar e de Minas.
1874	Transformação da Escola Central em Escola Politécnica, vinculada à Academia de Belas Artes.
1937	A Universidade do Brasil passa a abrigar a tradição da Politécnica.
1944–1945	Participação da Engenharia brasileira na Força Expedicionária Brasileira (FEB).



Escola Politécnica da Universidade do Brasil (atual UFRJ), década de 1930.

GUILHERME SCHÜCH DE CAPANEMA (1824–1908)



Engenheiro militar, naturalista, físico e professor, o Barão de Capanema foi o responsável pela instalação da primeira linha telegráfica do Brasil. Participou da Comissão Científica do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, criada em 1856, onde foi diretor da Seção Geológica e Mineralógica. Notando a dificuldade que havia em Minas Gerais de pronunciarem seu nome alemão, resolveu adotar o sobrenome de "Capanema", pertencente a uma serra e povoado daquela província, e nas vizinhanças de Ouro Preto. Seu bisneto Gustavo Capanema foi o Ministro da Educação que mais tempo ficou no cargo.

A atuação desses jovens não foi isolada. A Engenharia teve papel estratégico na FEB: construção de pontes, manutenção de estradas, instalação de linhas de comunicação, abertura de caminhos e suporte logístico foram tarefas essenciais para o avanço das tropas.

Nos campos da Itália, os engenheiros brasileiros trabalharam lado a lado com os pracinhas, aplicando o conhecimento adquirido nas salas da Politécnica em benefício da missão comum.

Ao retornar, traziam consigo não apenas memórias de guerra, mas a convicção de que o conhecimento técnico, quando aliado ao patriotismo e à ética, pode transformar o país e proteger sua liberdade.

Assim percorremos a história da tradição militar da Engenharia brasileira e apresentamos o contexto que levou os estudantes da Escola Nacional de Engenharia a se tornarem símbolos de coragem, dever e amor ao Brasil.

> *Ao honrar esses estudantes, honramos todos os que, com conhecimento, disciplina e coragem, dedicam sua vida à construção de um Brasil livre, soberano e próspero.*

A ESCOLA POLITÉCNICA E A CRIAÇÃO DO CPOR

A formação dos oficiais da reserva e a mobilização da Engenharia brasileira

> *"A preparação da juventude é a primeira condição da vitória."*
>
> *Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, 1943*



Integrantes do 9º Batalhão de Engenharia embarcando para a campanha da Itália. Acervo histórico da FEB.

A tradição militar da Engenharia brasileira consolidou-se no final do século XIX com a transformação da Escola Central em Escola Politécnica, herdeira da Academia Real Militar. Essa tradição, que unia ciência, técnica e espírito de serviço, foi determinante para a criação de um corpo qualificado de engenheiros que viria a participar da Força Expedicionária Brasileira. Combatentes oriundos da Escola Nacional de Engenharia preservaram o vínculo histórico entre a formação acadêmica e o serviço militar.

Com a declaração de guerra do Brasil às Potências do Eixo, em agosto de 1942, os estudantes da Escola Nacional de Engenharia foram convocados a interromper seus estudos para integrar as fileiras do Exército. Dentre eles, ainda como aluno, incorporou-se ao 9º Batalhão de Engenharia (9º BE), unidade de elite da Força Expedicionária Brasileira (FEB) o Tenente Luiz de Andrade Cunha.

O 9º BE teve papel estratégico na campanha da Itália, sendo responsável pela construção de pontes, manutenção de estradas, abertura de vias em terrenos montanhosos, instalação de redes de comunicação e apoio logístico às tropas. O trabalho dos seus engenheiros foi essencial para o avanço das forças aliadas e para o sucesso das operações.

A presença da Engenharia brasileira na Itália revelou ao mundo a competência técnica e o espírito de sacrifício dos nossos jovens. Entre esses soldados-estudantes estavam os quatorze expedicionários da Escola Nacional de Engenharia, cujos nomes e trajetórias serão apresentados nas próximas páginas.

> *"O engenheiro militar não constrói apenas obras: ele constrói caminhos para a vitória e para a paz."*

A mobilização estudantil representou o encontro entre o saber acadêmico e o dever patriótico. A Engenharia que se formava nas salas da Politécnica foi chamada a servir no front, transformando conhecimentos em pontes, estradas, comunicações e esperança.

Assim a participação do 9º Batalhão de Engenharia na Segunda Guerra Mundial é um capítulo indissociável da história da Escola Nacional de Engenharia e da própria engenharia brasileira, que legou à Força Expedicionária seu mais rico patrimônio, o vigor e o saber de uma juventude pronta para ir ao front lutar pela liberdade.



Ponte "Carioa", construída pela Engenharia brasileira na Itália.



Trabalhos de abertura e manutenção de vias executados pela Engenharia brasileira durante a campanha.

A TRADIÇÃO QUE SE FEZ PRESENÇA NO FRONT

Os estudantes da Escola Nacional de Engenharia na luta pela liberdade

> *"Entre o cálculo e o combate, os engenheiros escolheram o dever."*
>
> General Mascarenhas de Moraes, 1945



Engenheiros brasileiros trabalhando na construção de pontes durante a campanha da Itália.



Símbolo da FEB, usado com orgulho pelos pracinhas brasileiros.

A participação da Escola Nacional de Engenharia na Segunda Guerra Mundial foi fruto de uma tradição que unia ciência, técnica e patriotismo. Desde o período imperial, passando pela criação da Escola Central e, depois, da Escola Politécnica, formava-se ali uma geração de engenheiros destinados não apenas ao progresso material do país, mas também à sua defesa.

Quando a FEB foi organizada, a Escola não hesitou: seus estudantes atenderam ao chamado da Pátria. Ao todo, quatorze alunos da Escola Nacional de Engenharia foram mobilizados, incorporando-se à Força Expedicionária Brasileira, que partiu para lutar na Europa.

No front italiano, esses jovens engenheiros estiveram onde a missão exigia competência e coragem: abriram estradas em montanhas, construíram pontes sobre rios caudalosos, instalaram linhas de comunicação, removeram minas e garantiram o suprimento das tropas. Seu trabalho silencioso foi decisivo para o avanço aliado e para a vitória.

Mais do que técnicos brilhantes, foram brasileiros conscientes de seu dever. Levaram para a geerra o espírito da Escola e voltaram para o Brasil com a certeza de que a Engenharia é, antes de tudo, serviço à vida e à liberdade.

QUATORZE ESTUDANTES, UMA MESMA MISSÃO

Nas próximas páginas, conheceremos os nomes e as trajetórias dos quatorze estudantes da Escola Nacional de Engenharia que levaram o nome da instituição ao front da liberdade:

- Affonso Carlos Stuart
- Alcides Gonçalves
- Carlos Nunes Domingues
- Clovis de Oliveira
- Cyro da Rocha Miranda
- Eloy de Araujo Silva
- Ernani Guimarães
- Fernando Silva Freire
- Hygino de Carvalho Filho
- Ivan Câmara
- José Luiz da Silva
- Lourenço de Almeida Castello
- Sylvio de Mattos
- Waldir dos Santos

Seus feitos são motivo de orgulho para o Brasil e para a Universidade do Brasil.

A ENGENHARIA BRASILEIRA NA FEB

1942	Convocação dos estudantes da Escola Nacional de Engenharia para a Força Expedicionária Brasileira.
1943	Incorporação ao 9º Batalhão de Engenharia (9º BE), unidade responsável pelas obras e serviços técnicos.
1944	Desembarque na Itália e início das operações de apoio aos Aliados.
1944–1945	Construção de pontes, abertura de estradas, instalação de comunicações e desminagem.
1945	Vitória dos Aliados e retorno dos expedicionários ao Brasil.



Abertura e manutenção de estradas em terreno montanhoso, sob condições adversas, garantindo o avanço das tropas aliadas.

> *"Não foram apenas soldados. Foram engenheiros da vitória."*

Ao honrar esses estudantes, honramos todos os que, com conhecimento, disciplina e coragem, dedicam sua vida à construção de um Brasil livre, soberano e próspero.

A ENGENHARIA BRASILEIRA EM AÇÃO NA CAMPANHA DA ITÁLIA

Competência técnica, coragem e espírito de sacrifício a serviço da vitória

> *"Cumprir a missão até o fim, esse era o lema."*
>
> *Ordem do Dia do 9º BE, 1944*



Montagem de ponte sobre o rio Serchio, obra da Engenharia brasileira na Itália.

Nas montanhas e vales da Itália, onde o inverno era rigoroso e o terreno desafiador, os engenheiros brasileiros mostraram que a técnica e a coragem caminham juntas. Sob o comando do 9º Batalhão de Engenharia (9º BE), eles construíram pontes, estradas e obras essenciais para o avanço das tropas aliadas.

Cada ponte lançada, cada estrada aberta, cada linha de comunicação instalada significava mais do que uma obra concluída: era a garantia de que o combate poderia continuar e de que vidas poderiam ser salvas.

Os estudantes da Escola Nacional de Engenharia, agora soldados, aplicavam no campo de batalha o conhecimento adquirido nas salas da Politécnica. A teoria transformava-se em serviço, o cálculo em estrutura, o projeto em realidade.

Enfrentaram chuvas torrenciais, terrenos instáveis, bombardeios e o cansaço extremo. Mas não recuaram. A disciplina e o espírito de corpo os sustentavam.

O reconhecimento dos aliados foi constante. Relatórios destacavam a eficiência, a capacidade de improvisação e a dedicação dos nossos engenheiros.

PRINCIPAIS MISSÕES CUMPRIDAS

- Construção de mais de 20 pontes em rios caudalosos.
- Abertura e manutenção de centenas de quilômetros de estradas em terreno montanhoso.
- Instalação de linhas telefônicas e redes de comunicação.
- Desminagem de áreas estratégicas.
- Apoio logístico essencial para o abastecimento das tropas.
- Recuperação de portos e instalações danificadas.



Abertura de estrada em região montanhosa, garantindo a mobilidade das tropas aliadas.

O LEGADO DOS ENGENHEIROS EXPEDICIONÁRIOS

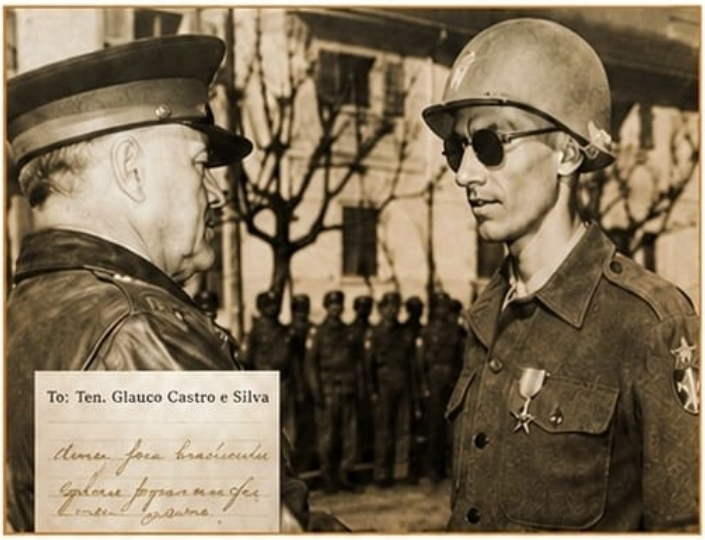
Os quatorze estudantes da Escola Nacional de Engenharia que participaram da campanha da Itália não foram apenas soldados: foram símbolos de uma geração que colocou seu conhecimento e sua juventude a serviço do Brasil e da liberdade.
Seus nomes permanecem gravados na história da Engenharia brasileira e no exemplo de amor à Pátria.

> *"A Engenharia vence distâncias, vence obstáculos, mas, acima de tudo, vence pelo espírito."*

> *Ao honrar esses estudantes, honramos todos os que, com conhecimento, disciplina e coragem, dedicam sua vida à construção de um Brasil livre, soberano e próspero.*

Os estudantes expedicionários da Escola Nacional de Engenharia

Quatorze estudantes da Escola Nacional de Engenharia atenderam ao chamado da Pátria e integraram a Força Expedicionária Brasileira, lutando na Itália em defesa da liberdade. A seguir destacamos suas trajetórias, marcadas pela competência técnica, coragem e espírito de sacrifício, notabilizados em feitos que entraram para a nossa história e são motivo de orgulho de todos os Antigos Alunos da Politécnica.



O Tenente Glauco de Castro e Silva recebendo a condecoração ***Bronze Star****, dos EUA, da mão do General Mark Clark.*
Acervo Israel Blajberg.



Insígnia do 9º Batalhão de Engenharia (9º BE).

Luiz de Andrade Cunha

Aluno do 5º ano da Escola Nacional de Engenharia, foi declarado Aspirante-a-Oficial da Reserva de 2ª Classe em 22 de dezembro de 1943. Incorporado ao 9º BE, participou das operações na Itália com dedicação e espírito de equipe. Símbolo de competência técnica e lealdade à missão.



Símbolo do Corpo de Engenharia da FEB.

Glauco de Castro e Silva

Aluno do 5º ano da Escola Nacional de Engenharia. Declarado Aspirante-a-Oficial da Reserva de 2ª Classe em 22 de dezembro de 1943. Durante a campanha da Itália foi condecorado com a Bronze Star Medal, dos Estados Unidos, por ato de bravura e notável desempenho em serviço.



Distintivo de Organização Militar do 9º BE.

Manoel Albino dos Santos Queiroz

Aluno do 1º ano da Escola Nacional de Engenharia. Declarado Aspirante-a-Oficial da Reserva de 2ª Classe em 22 de dezembro de 1943. Participou das operações na Itália, contribuindo para a construção de pontes, estradas e instalações essenciais ao avanço das tropas aliadas.

LEMBRANÇA E GRATIDÃO

Cada um desses jovens deixou a segurança dos estudos e o conforto do lar para servir ao Brasil em terras distantes.

Foram mais do que estudantes: foram soldados, engenheiros, construtores de caminhos e pontes, e, sobretudo, exemplos de dedicação à Pátria.

Suas histórias são parte viva da memória da Escola Nacional de Engenharia e da Universidade do Brasil.

Ao honrar seus estudantes, honramos todos os que, com conhecimento, disciplina e coragem, dedicam sua vida à construção de um Brasil livre, soberano e próspero.

Os estudantes expedicionários da Escola Nacional de Engenharia



Um exemplo de soldados da Engenharia trabalhando com seus detectores de metais. Foto do Arquivo Nacional.

João Ribeiro Natal

Posto: 2º Tenente R/2 de Infantaria (CPOR/RJ)
Unidade: 11º Regimento de Infantaria

Após regressar da Itália, João Ribeiro Natal optou por não seguir a carreira militar. Formou-se engenheiro e ingressou na Caixa Econômica Federal, onde participou de programas de financiamento habitacional destinados, entre outros beneficiários, aos ex-combatentes brasileiros.

Foi também o único dos quatorze estudantes expedicionários presente na cerimônia de reinstalação da estatueta comemorativa realizada em 2004 pela Associação dos Antigos Alunos da Politécnica, simbolizando o elo entre aquela geração e a memória preservada pela instituição.

Maurício Carneiro da Luz

Posto: Aspirante a Oficial R/2 de Infantaria (CPOR/RJ)
Unidade: Centro de Recrutamento e Depósito de Pessoal da FEB

Aluno do CPOR/RJ, Maurício Carneiro da Luz integrou o contingente da Força Expedicionária Brasileira responsável pelo recompletamento das unidades em campanha.

Em 1963, como engenheiro-chefe do Serviço de Sinalização do antigo DER-RJ, foi encarregado de estruturar a primeira Patrulha Rodoviária estadual, iniciativa pioneira na segurança das rodovias fluminenses.

Salomão Malina

Posto: Aspirante a Oficial R/2 de Infantaria (CPOR/RJ)

Comandou o Pelotão de Minas do 11º Regimento de Infantaria, uma das funções mais perigosas da campanha da Itália. Sua fração era responsável pela localização e remoção de campos minados e armadilhas explosivas instaladas pelas forças alemãs.

Recebeu a Cruz de Combate de 1ª Classe, além da Medalha de Guerra e da Medalha de Campanha. Posteriormente tornou-se figura de destaque da vida política brasileira.

Hugo Alves Corrêa

Posto: Aspirante a Oficial de Infantaria
Origem Militar: Escola Militar do Realengo
Unidade: 6º Regimento de Infantaria

Formado pela Escola Militar do Realengo, Hugo Alves Corrêa integrou inicialmente o Depósito de Pessoal da FEB, sendo posteriormente incorporado ao 6º Regimento de Infantaria.

Ao regressar ao Brasil foi reformado por motivo de saúde e retomou sua formação acadêmica, diplomando-se engenheiro pela Escola Nacional de Engenharia na turma de 1950.



Salomão Malina

Após o conflito, sua trajetória tomou novos rumos. Tornou-se conhecido pela intensa atuação política e ocupou, anos mais tarde, a Secretaria-Geral do Partido Comunista Brasileiro e posteriormente a Presidência de Honra do Partido Popular Socialista. Independentemente das opções políticas assumidas ao longo da vida, sua atuação como oficial da FEB permanece como parte da memória da Escola Nacional de Engenharia e da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Os estudantes expedicionários da Escola Nacional de Engenharia



Soldado da FEB encontrando minas. A coragem é uma farsa sem riscam risco e sem sacrifício. Foto: Arquivo Nacional.

Zeperino Catta-Prerta de Faria

Posto: Aspirante a Oficial R/2 da Infantaria (CPOR/RJ)
Unidade: Centro de Recrutamento e Depósito de Pessoal da FEB
Embarque: 9 de dezembro de 1943
Retorno: 17 de setembro de 1945

Integrante do mesmo curso do CPOR/RJ que formou diversos estudantes da Escola Nacional de Engenharia convocados para a guerra, Zeferino Catta-Preta de Faria serviu junto ao Centro de Recrutamento e Depósito de Pessoal da Força Expedicionária Brasileira.

Sua participação integrou o contingente de jovens universitários que sacrificaram os bancos acadêmicmicos para atender ao chamado do País durante o conflito mundial.

Kahil Rubez Primo

Posto: 3º Sargento de Infantaria
Unidade: 1º Regimento de Infantaria
Embarque: 22 de novembro de 1944
Retorno: 23 de agosto de 1945

Kahil Rubez Primo integrou os efetivos da tradicional 1º Regimento de Infantaria da FEB, participando da campanha militar na Itália até o encerramento das operações.

Sua presença entre os estudantes da Escola Nacional de Engenharia demonstra que o civismo de nossos bacharéis acadêmicos universitários de diferentes formações e tendências políticas.

Luiz Roland Peixo

Posto: Cabo de Infantaria
Unidade: 1º Regimento de Infantaria
Embarque: 22 de novembro de 1944
Retorno: 23 de agosto de 1945

Luiz Roland Peixo participou das operações da Força Expedicionária Brasileira junto ao 1º Regimento de Infantaria, permanecendo em campanhas militares nos teatros de guerra no Brasil.

Faleceu em 21 de outubro de 2008, deixando seu nome inscrito entre os antigos alunos da Escola Nacional de Engenharia que integraram a FEB.

Djalma Dutra Ururahy

Posto: 3º Sargento de Artilharia
Unidade: 1º Grupo de 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocados
Embarque: 22 de novembro de 1944
Retorno: 23 de agosto de 1945

Oficial Técnico Industrial e Sargento de Artilharia da Força Expedicionária Brasileira durante toda a campanha da Itália.

Após a guerra prosseguiu sua formação profissional, frequentando, em 1962, o Estado-Maior do Exército, onde recebeu da promoção a reserva do Curso de Informações oferecidos no Ministério do Exército.

Murilo Moraes Lima

Posto: Cabo de Infantaria
Unidade: 1º Companhia e Destacamento de Transmissões
Embarque: 22 de novembro de 1944
Retorno: 18 de setembro de 1945

Murilo Moraes Lima serviu nos escalões de transmissões da Força Expedicionária Brasileira, responsável por assegurar as comunicações entre os comandantes e as unidades combatentes.

Sua dedicação foi reconhecida com a Medalha da fita Italiana e Batalhística, usada para distinguir os membros, no posto de 1º Tenente R/2, por Portaria Ministerial publicada em 1957.

Eridan Guerra Novaes da Silva

Posto: Soldado de Artilharia
Unidade: 1º Grupo do 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocados
Embarque: 22 de novembro de 1944
Retorno: 23 de agosto de 1945

Erdan Guerra Novais da Silva equiparou-se a parcela dos estudantes universitários que serviram como praça da Força Expedicionária Brasileira.

Durante sua permanência na Itália combateu, por intermédio do painel O Calvão Expedicionário, suas emocionantes mensagens escritas por seu filho Maristelio, que obteve sua morte em combate pela família brasileira durante o conflito.

Uma memória que permanece

Cursando o Segundo Ciclo ou Adendão, a Escola Nacional de Engenharia reuniu de guerra o somatório de seus estudantes expedicionários. Este tributo preserva não só a memória dos heróis, mas a essência de de pûter comprometidos com a ciência e com heroísmo de espírito, de coração livre diante dos desafios eeitos de nossa época confundiram no Itália.

Descobrir destes nossos engenheiros ofereceram estudando pela Associação dos Antigos Alunos da Politécnica que renunciaram a segurança a conforto ao conhecimento que deviam irreer a formação íürmeatde integral de recurssos, ainda que temporariamente, a preenches, em defesa ó ú da liberdade e progresso da humanidade.

Mais do que seus homenageamos os egressos estudantes brasileiros que escreveram passantes ãntes de sobriedade brasileiro que, em momentos decisivos da história nacional, compreenderam que conhecimento técnico e ao comportamento cívico caminham lado a lado no construção da autonomia e da liberdade.

> *"Saudades imensas. Temos recebido cartas e telegramas. Deus o acompanhe. Beijos. Sua mãe."*
>
> Mensagem enviada a Erdán Guerra Novais da Silva por intermédio de O Calvão Expedicionário durante a campanha da Itália.

Essas palavras sintetizam de forma tão sensível e silenciosa ternura de guerra, lembrando que, por trás de cada combatente, permaneciam famílias aguardando ansiosamente seu retorno.

Uma memória que permanece

A Associação dos Antigos Alunos da Faculdade Nacional de Engenharia prestou homenagem aos colegas que combateram na II Guerra Mundial, inaugurando em sua sede uma escultura de um combatente de Engenharia.

Por ocasião da invasão da sede da A3P na manhã do dia 29 de junho de 2016, por uma horda agressiva e orquestrada, a escultura foi agredida como "coisa de milico", por desconhecimento do valor daqueles que colocaram suas vidas em risco em defesa dos oprimidos pelo nazifascismo. Curiosamente tais invasores imitavam os mesmos gestos daqueles que protagonizaram arbitrariedades na Europa em guerra.



Nesta rara foto, a visita do comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes (segundo da esquerda para a direita), ao comandante do 9º Batalhão de Engenharia, coronel Machado Lopes (terceiro da esquerda para a direita). Apresentando o mapa, o major Afonso Augusto Albuquerqoe de Lima e na direita, o capitão Luiz de Assis Duque Estrada. Foto da revista Manchete, de 1970, comemorativa aos 25 anos da Força Expedicionária Brasileira.



A escultura do Aluno da ENE, expedicionário. Foto do acervo Israel Blajberg.



O Presidente da Associação de Ex Combatente do Brasil Rubens Leite de Andrade, de boina, e o Presidente da A3P. Foto do acervo Israel Blajberg.



Aspecto geral da cerimônia de inauguração da escultura. Foto do acervo Israel Blajberg.

Conclusão

A história das universidades costuma ser contada por meio de suas descobertas científicas, de seus mestres e de seus alunos ilustres. Existem, entretanto, momentos em que a própria História invade os campi universitários e altera definitivamente o destino de uma geração. Assim ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, quando que frequentavam as salas de aula da antiga Escola Nacional de Engenharia interromperam seus estudos para vestir a farda da Força Expedicionária Brasileira e combater, nos campos da Itália, um dos regimes mais violentos do século XX.

A Universidade jamais permaneceu completamente alheia quando eclodem grandes conflitos internacionais. Seus laboratórios passam a produzir conhecimento estratégico; seus professores colocam sua experiência a serviço da sociedade; seus estudantes são chamados a assumir responsabliidades que ultrapassam os limites da vida acadêmica. A trajetória dos quatorze estudantes expedicionários demonstra que a formação universitária também implica compromisso com a sociedade, com a liberdade e com os valores fundamentais da civilização.

Recordar esses jovens não significa glorificar a guerra. Ao contrário, significa reconhecer o elevado custo humano que ela impõe. Cada nome inscrito na memória da Escola representa uma juventude interrompida pelas circunstâncias excepcionais de seu tempo e um exemplo de dedicação ao Brasil em um dos momentos mais dramáticos da história contemporânea.

A luta contra a tirania, o autoritarismo e todas as formas de opressão exigiram, em diferentes épocas, o sacrifício de milhares de homens e mulheres. Muitos jamais retornaram aos seus lares; outros voltaram marcados, física e emocionalmente, pelas experiências vividas nos campos de batalha. Preservar sua memória constitui um dever permanente das instituições de ensino e da sociedade, não para celebrar a violência, mas para reafirmar que a paz, a liberdade, a democracia e a dignidade humana possuem um preço elevado e jamais devem ser consideradas conquistas definitivas.

Ao recordar os estudantes expedicionários da antiga Escola Nacional de Engenharia, os Antigos Alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro reafirmam seu compromisso com a preservação da memória da Universidade e da Nação. A lembrança desses jovens constitui um patrimônio moral que transcende gerações, inspirando o permanente compromisso com a liberdade, a democracia e a paz.

Que seus exemplos permaneçam vivos como advertência de que a intolerância e a tirania jamais podem prevalecer, e de que a melhor homenagem aos que combateram é trabalhar para que guerras e tragédias semelhantes nunca mais se repitam.

AHIMTB/RIO

Centro Cultural | CASA DA FEB | FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

SOLENIDADE DE DESCERRAMENTO DE PLACA EM HOMENAGEM AOS ESTUDANTES DE ENGENHARIA EXPEDICIONÁRIOS

Sede da Associação dos Antigos Alunos da Politécnica (A³P)
Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

A Associação dos Antigos Alunos da Politécnica (A³P), mais antiga associação de ex-alunos da UFRJ, fundada em 1932, viveu hoje, 26 de Outubro de 2026, uma tarde de confraternização entre seus sócios e amigos, na sede do Centro de Tecnologia da UFRJ, Bloco I, na Cidade Universitária da Ilha do Fundão-RIO, sede essa que leva o nome do saudoso Professor Leizer Lerner, presidente da A³P por várias gestões, homenagem que faz justiça à sua imensa dedicação ao ensino, à escola e à nossa associação, às quais serviu por uma vida inteira.

Em dupla cerimônia, o Prof. Dr. Paulo Alcantara Gomes, antigo Reitor, aluno e professor titular e emérito dessa Casa, e antigo Aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ), recebeu da A³P o título de Engenheiro Eminente de 2026, e uma placa foi descerrada em homenagem à memória e aos feitos de 14 Alunos da então Escola Nacional de Engenharia (ENE) da Universidade do Brasil (UB) que participaram da luta contra o nazifascismo, pelos Ideais da Liberdade e da Democracia na Campanha da Itália (1944-1945) durante a Segunda Guerra Mundial.

Estiveram presentes familiares de dois dos alunos citados na placa – o Tenente Glauco de Castro e Silva – então comandante do Pelotão de Morteiros do 1º Regimento de Infantaria, o Regimento Sampaio, da Vila Militar, que recebeu a Medalha *Bronze Star* do 5° Exército Americano, por bravura em ação, e – o Tenente Salomão Malina –, então comandante do Pelotão de Minas do 11º Regimento de Infantaria, o Regimento Tiradentes de São João D'El Rey-MG, que recebeu a Medalha Cruz de Combate de 1ª Classe, outorgada pelo Presidente da República. Ambos cursaram o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro (CPOR/RJ), na Avenida Pedro II em São Cristóvão, enquanto estudavam na então ENE/UB.

O Eng. Ricardo Capitani de Castro e Silva, filho do Tenente Glauco, e os Srs. Andre Malina e Mauricio David Malina, filhos do Tenente Malina, receberam diplomas e plaquetas alusivas.

Prestigiaram o evento, as seguintes personalidades: Ex-Combatente da Marinha do Brasil e submarinista Primeiro-Tenente Veterano José Osório Filho, 103 anos, acompanhado do filho e neto; Prof. Dr. Sergio Lima Neto, Diretor da Escola Politécnica; Prof. Dr. Walter Issamu Suemitsu, antigo Decano do CT e Presidente da A³P; Eng. Francis Bogossian, antigo Aluno e Professor, Presidente do Clube de Engenharia; Prof. Dr. Daniel Mata Roque, Presidente da Casa da FEB; antigos e atuais Professores, Alunos, Funcionários da Casa, Diretores, Sócios e Amigos da A³P, bem como netos, bisnetos e demais familiares dos Tenentes Glauco e Malina.

A placa em homenagem aos estudantes expedicionários foi idealizada pelo Prof. Dr. Jefferson Biajone, do Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga-SP, e contou com o apoio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB) e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil/Rio de Janeiro (AHIMTB/RIO).

Em 1942, nosso Brasil ainda rural, sofreu sem aviso cruel agressão pelo torpedeamento de 6 navios mercantes pelo submarino U-507, desaparecendo no mar 600 brasileiros inocentes. A sociedade civil se uniu contra o nazifascismo, numa onda de repulsa onde se destacaram a União Nacional dos Estudantes (UNE) e os estudantes da Escola Nacional de Engenharia, que no Largo de São Francisco se manifestaram exigindo que o governo revidasse a afronta.

Diante do clamor popular, o Governo do Presidente Vargas declarou estado de guerra com a Alemanha e Itália. 14 estudantes da ENE aderiram ao esforço de guerra, seguindo para a Itália como soldados-cidadãos, para lutar pela liberdade e democracia, contra o nazifascismo que infelicitou a Humanidade.

Na antiga sede desativada da A^{3}P no histórico prédio do Largo de São Francisco, existia uma placa similar à hoje descerrada, contando, porém, com apenas 9 dos 14 nomes dos estudantes. Novas pesquisas trouxeram à luz mais 5 nomes, totalizando 14 estudantes da ENE que integraram as forças brasileiras da 2ª GM. A placa original estava no prédio do Largo de São Francisco onde se instalou a Academia Real Militar, com a promulgação em 4 de Dezembro de 1810 da Carta Régia instituindo aquela que foi uma das antecessoras da nossa Escola Politécnica/UFRJ – e de onde provém também a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Resende-RJ.

Essa nova placa, necessária, oportuna e descerrada em 26 de outubro de 2026, vem lembrar às novas gerações os sacrifícios das que as antecederam. Mais do que seu descerramento em uma solenidade formal, sua existência reforça nossa crença nos valores universais pelos quais lutaram os 14 estudantes expedicionários na Segunda Guerra Mundial. Valores esses hoje em dia tão ameaçados pelo neonazismo, fascismo, negacionismo, racismo, anti-semitismo e outras mazelas.

O descerramento da placa vem materializar a liberdade acadêmica e o pluralismo intelectual, reafirmando a necessidade de combater preconceitos e não permitir a intolerância e barbárie, diametralmente opostas à missão de ensino, pesquisa e extensão de excelência da Universidade.





Prof. Israel Blajberg
Turma Povo Brasileiro
ENE-UB 1968, Eletrônica
iblaj@hotmail.com
26 de Outubro de 2026


A Associação dos Antigos Alunos da Politécnica, a
Academia de História Militar Terrestre do Brasil/RIO, o
Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e a Casa da FEB
ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
AHIMTB/RIO
A3P
INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL
Centro Cultural
CASA DA FEB
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA
prestam esta homenagem aos Antigos Alunos da então
Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil
ALMÔR DA CUNHA
DJALMA DUTRA URURAHY
ERIDAN GUERRA NOVAIS DA SILVA
GLAUCO DE CASTRO E SILVA
HUGO ALVES CORRÊA
KALIL RUBEZ PRIMO
JOÃO RIBEIRO NATAL
LUIZ DE ANDRADE CUNHA
LUIZ ROLAND FILHO
MANOEL ALBINO DOS SANTOS QUEIROZ
MAURICIO CARNEIRO DA LUZ
MURILO MORAES LEAL
SALOMÃO MALINA
ZEFERINO CATTA PRETTA DE FARIA
por terem participado da luta contra o nazi-fascismo
pelos ideais da Liberdade e da Democracia na
Campanha da Itália durante a Segunda Guerra Mundial
Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 2026
BRASIL
ESCOLA POLITÉCNICA UFRJ
DA UNIVERSIDADE
AO FRONT





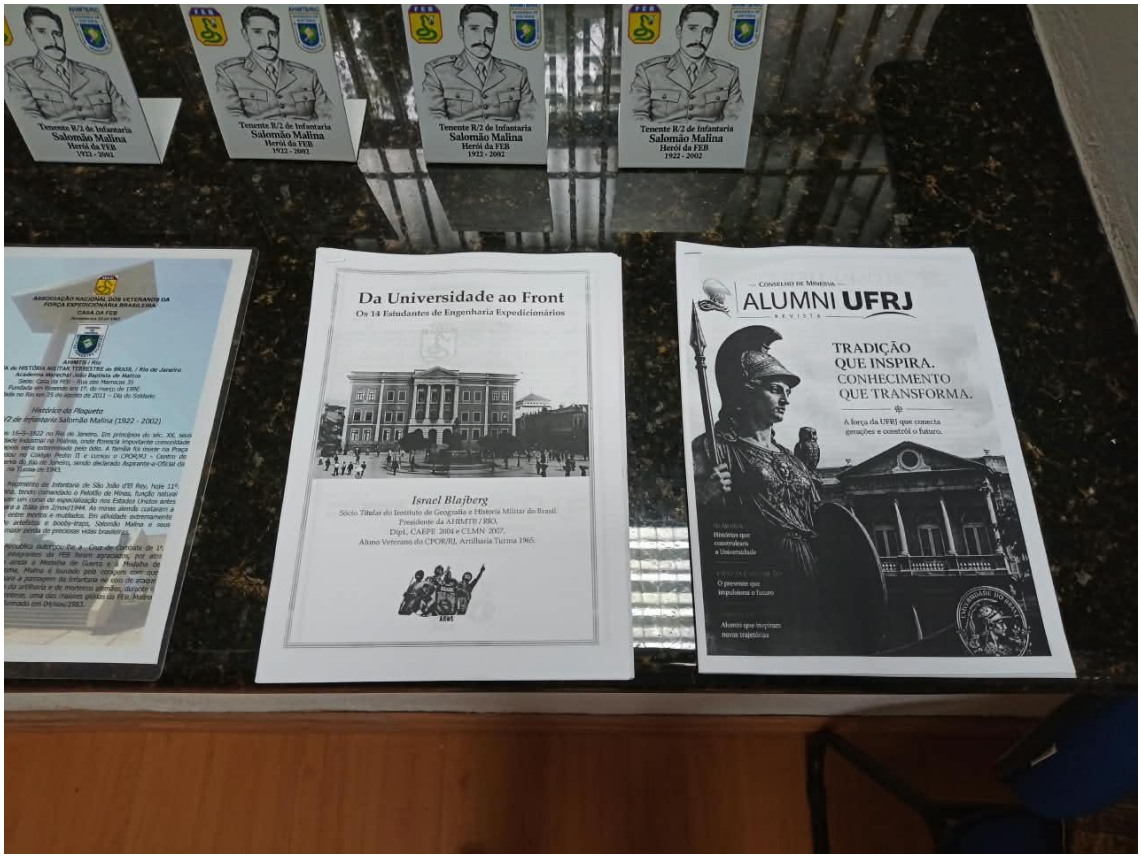
ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
AHIMTB/RIO

A3P

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

Centro Cultural | CASA DA FEB | FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA





ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

AHIMTB/RIO

A³P

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

Centro Cultural | CASA DA FEB | FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA





ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

AHIMTB/RIO

A³P

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

Centro Cultural | CASA DA FEB | FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA





ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

AHIMTB/RIO

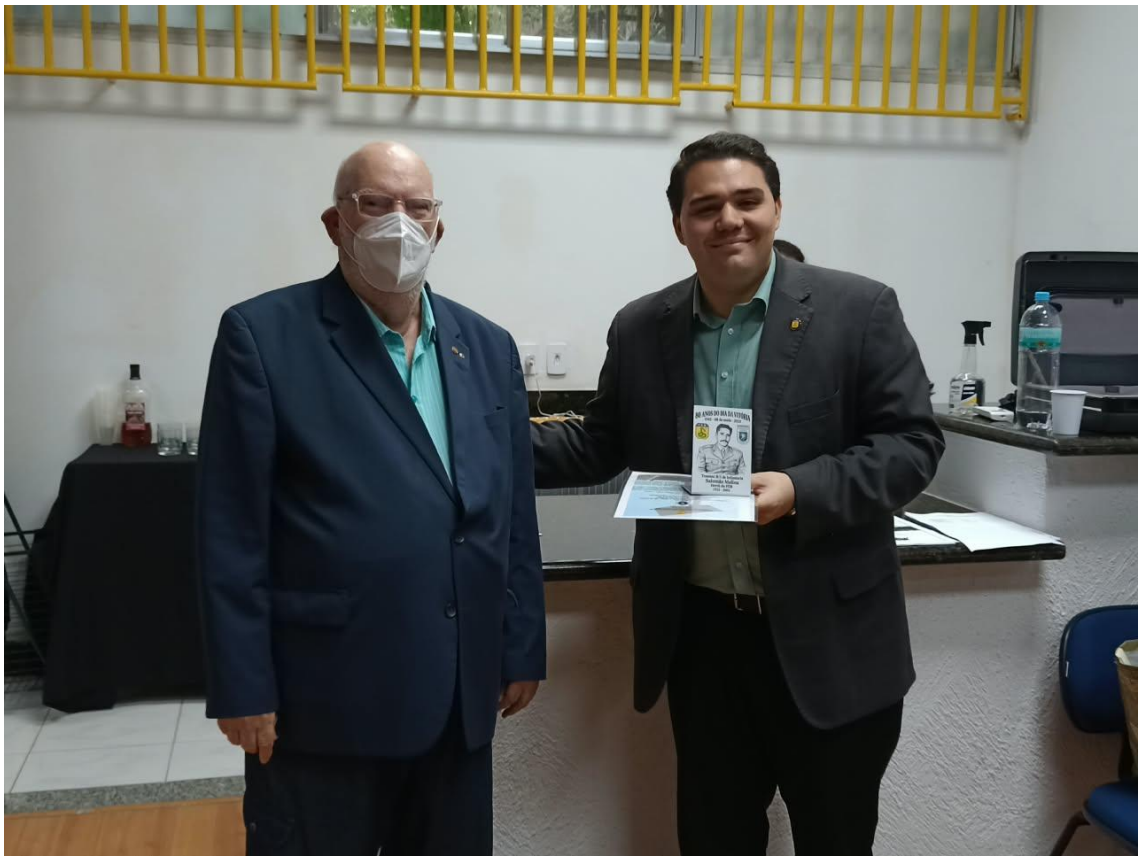
A3P

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

Centro Cultural | CASA DA FEB | FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA







ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

AHIMTB/RIO

A3P

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

Centro Cultural | CASA DA FEB | FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA





ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

AHIMTB/RIO

A³P

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

Centro Cultural | CASA DA FEB | FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA





ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

AHIMTB/RIO

A3P

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

Centro Cultural | CASA DA FEB | FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA





AHIMTB/RIO

Centro Cultural | CASA DA FEB | FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA





Gabriel Chochamovitz Blajberg (Eng.ª Produção) e seu pai
Carlos Blajberg (Eng.ª Prod 1996 e Msc COPPEAD), no Museu da Politecnica
Quadro da Turma Povo Brasileiro – ENE/UB 1968, do seu pai e avô Israel Blajberg



Daniel Blajberg Schaffel (Engª de Bio-Processos)
filho de Silvia Blajberg Schaffel (Naval 1997 e Phd COPPE Plan Energ)
e seu avô Israel Blajberg (Eletronica 1968)
Rosa Blajberg Benzecry (Produção 2002)
3 Gerações Politécnicas Blajberg !

A Associação dos Antigos Alunos da Politécnica, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil/RIO, o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e a Casa da FEB

AHIMTB/RIO

Centro Cultural | CASA DA FEB | FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA |

prestam esta homenagem aos Antigos Alunos da então Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil

*ALMÔR DA **CUNHA***
*DJALMA DUTRA **URURAHY***
*ERIDAN GUERRA NOVAIS DA **SILVA***
*GLAUCO DE CASTRO E **SILVA***
*HUGO ALVES **CORRÊA***
*KALIL RUBEZ **PRIMO***
*JOÃO RIBEIRO **NATAL***
*LUIZ DE ANDRADE **CUNHA***
*LUIZ **ROLAND FILHO***
*MANOEL ALBINO DOS SANTOS **QUEIROZ***
*MAURICIO CARNEIRO DA **LUZ***
*MURILO MORAES **LEAL***
*SALOMÃO **MALINA***
*ZEFERINO CATTA PRETTA DE **FARIA***

por terem participado da luta contra o nazi-fascismo pelos ideais da Liberdade e da Democracia na Campanha da Itália durante a Segunda Guerra Mundial

Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 2026

DA UNIVERSIDADE

AO FRONT